

*Se eu não for por mim, quem o será?
Se eu for só por mim, que serei?
Se não agora, quando?*

Ditado talmúdico
Mishná, Avot

*Não te criámos celestial nem terrestre,
nem mortal nem imortal, mas de maneira
que pudesses ser livre de acordo com a tua
própria vontade e honra, para que fosses
o teu próprio criador e construtor. Só a
ti demos crescimento e desenvolvimento,
dependentes da tua própria vontade. Trazes
em ti os germes de uma vida universal.*

Pico della Mirandola
Oratio de Hominis Dignitate

*Nada é, pois, imutável, a não ser os direitos
inerentes e inalienáveis do homem.*

Thomas Jefferson

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	11
<i>Prefácio II</i>	15
CAPÍTULO I — Liberdade — Um problema psicológico?....	21
CAPÍTULO II — O aparecimento do indivíduo e a ambiguidade da liberdade	41
CAPÍTULO III — A liberdade na era da Reforma.....	57
1. O ambiente medieval e o Renascimento	57
2. O período da Reforma	77
CAPÍTULO IV — Os dois aspetos da liberdade para o homem moderno	113
CAPÍTULO V — Mecanismos de fuga	143
1. Autoritarismo	148
2. Destrutividade.....	181
3. Conformismo de autómatos.....	187
CAPÍTULO VI — Psicologia do nazismo	207

CAPÍTULO VII — Liberdade e democracia	235
1. A ilusão da individualidade.....	235
2. Liberdade e espontaneidade	250
APÊNDICE — O carácter e o processo social	269
<i>Notas</i>	291

PREFÁCIO

Este livro faz parte de um estudo amplo sobre a estrutura do carácter do homem moderno e os problemas da interação entre os fatores psicológicos e sociológicos em que venho trabalhando há vários anos e cuja conclusão precisará de mais tempo. Os desenvolvimentos políticos atuais e os perigos que representam para as maiores conquistas da cultura moderna — a individualidade e a singularidade da personalidade — fizeram-me interromper o trabalho no estudo mais lato e concentrar-me num aspeto dele que é decisivo para a crise cultural e social dos nossos dias: o significado da liberdade para o homem moderno. A minha tarefa neste livro seria facilitada se eu pudesse remeter o leitor para o estudo completo da estrutura do carácter do homem na nossa cultura, pois o significado da liberdade só pode ser totalmente compreendido com base numa análise de toda a estrutura do carácter do homem moderno. Assim, tive de recorrer várias vezes a certos conceitos e conclusões sem os elaborar como faria se tivesse mais espaço de manobra. Em relação a outros problemas de grande importância, refiro-os muitas vezes só de passagem, e por vezes nem isso. Mas penso que o psicólogo deve oferecer sem demora o que tem como contributo

para a compreensão da crise atual, ainda que tenha de sacrificar o desejo de completude.

Assinalar a importância das considerações psicológicas em relação ao cenário presente não implica, a meu ver, uma sobrevalorização da psicologia. A entidade básica do processo social é o indivíduo, os seus desejos e medos, as suas paixões e a sua razão, as suas propensões para o bem e para o mal. Para entendermos a dinâmica do processo social, temos de compreender a dinâmica dos processos psicológicos que atuam no indivíduo, da mesma maneira que para compreender o indivíduo é preciso vê-lo no contexto da cultura que o molda. A tese deste livro é que o homem moderno, libertado dos grilhões da sociedade pré-individualista que simultaneamente lhe davam segurança e o limitavam, não ganhou a liberdade no sentido positivo da realização do seu eu individual; ou seja, a expressão das suas potencialidades intelectuais, emocionais e sensoriais. A liberdade, embora lhe tenha proporcionado independência e racionalidade, tornou-o isolado e, portanto, angustiado e impotente. Este isolamento é insustentável, e as alternativas com que se depara são escapar do peso da sua liberdade para novas dependências e para a submissão, ou avançar para a realização plena da liberdade positiva que se baseia na singularidade e individualidade do homem. Embora este livro seja mais um diagnóstico do que um prognóstico — mais uma análise do que uma solução —, os seus resultados aplicam-se à nossa maneira de agir. Isto porque a compreensão das razões para a fuga totalitária da liberdade é uma premissa para qualquer ação que vise a vitória sobre as forças totalitárias.

Abstenho-me do prazer que teria em agradecer a todos os amigos, colegas e estudantes a quem devo o estímulo e as críticas construtivas ao meu pensamento. Nas notas, o leitor encontrará referências aos autores a quem mais devo as ideias

expressas neste livro. Gostaria, ainda assim, de manifestar especificamente a minha gratidão para com aqueles que contribuíram diretamente para a elaboração deste livro. Em primeiro lugar, quero agradecer a Elizabeth Brown, que, pelas suas sugestões e críticas, foi uma ajuda inestimável na organização deste volume. Além disso, agradeço a T. Woodhouse, pelo seu grande auxílio na revisão do manuscrito, e ao Dr. A. Seidermann, pela sua ajuda nos problemas filosóficos aqui abordados.

Gostaria de agradecer aos seguintes editores, pelo privilégio de usar excertos longos das suas publicações: Board of Christian Education, Filadélfia, excertos de *Institutes of the Christian Religion*, de João Calvino, trad. John Allen; Columbia Studies in History, Economics, and Public Law (Columbia University Press), Nova Iorque, excertos de *Social Reform and the Reformation*, de Jacob S. Schapiro; Wm. B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, Mich., excertos de *The Bondage of the Will*, de Martinho Lutero, trad. Henry Cole; Harcourt, Brace and Company, Nova Iorque, excertos de *Religion and the Rise of Capitalism*, de R. H. Tawney; Houghton Mifflin Company, Boston, excertos de *Mein Kampf*, de Adolfo Hitler; Macmillan Company, Nova Iorque, excertos de *The Civilization of the Renaissance in Italy*, de Jacob Burckhardt.

E. F.